



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ERA DIGITAL: A IMPORTÂNCIA DA
LITERATURA INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS**

KARINA BASTOS DE LUNA BANDEIRA

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Ivanda Maria Martins Silva

Recife,
2019

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ERA DIGITAL: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

Karina Bastos de Luna Bandeira

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE

Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE

karinabastos-tj@hotmail.com

Prof^a. Dr^a. Ivanda Maria Martins Silva (orientadora)

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE

Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE

martins.ivanda@gmail.com

RESUMO: Formar leitores é ajudá-los a desenvolver práticas de leitura de modo que sejam capazes de exercer a cidadania de forma crítica, ativa e autônoma. Nesse sentido, contar histórias, uma das formas mais antigas de propagar os gêneros literários, surge como um convite à imaginação e um incentivo à leitura. O objetivo geral desta pesquisa é abordar como a literatura infantojuvenil, por meio da contação de histórias, pode formar leitores críticos, tendo em vista as demandas da cultura digital. Dessa forma, a pesquisa buscou descrever, por meio de fundamentos teóricos, a importância da contação de histórias para a transmissão de conhecimentos, de geração em geração, e para a troca de experiências através do contato que se estabelece entre o narrador e o ouvinte, equilibrando as emoções dos envolvidos e tornando-os capazes de compreender melhor e de forma racional o mundo que os cerca. Também foi possível elencar algumas dificuldades que ainda estão presentes nesse processo de aprendizagem, além de entender como a tecnologia pode ser uma verdadeira aliada às atividades de contação de histórias, por meio dos *podcasts* e *audiobooks*. Assim, foi possível concluir que a contação de histórias é uma estratégia fundamental para a formação de leitores críticos e enriquece o processo educacional na busca incessante pela construção de sujeitos críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Literatura Infantojuvenil; Leitura; Cultura Digital.

1. Introdução

O trabalho *“Contação de histórias na era digital: a importância da literatura infantojuvenil na formação de leitores críticos”* tem por objetivo principal investigar como a contação de histórias pode ser um recurso importante para a formação de leitores críticos, considerando as demandas atuais da cultura digital.

O ato de ler é inerente ao ser humano, de acordo com Freire (2005), a leitura de mundo antecede à da palavra, ou seja, realizamos a leitura do mundo antes mesmo dos processos de apropriação da palavra escrita, por exemplo. Sendo assim, a leitura exerce um papel importante no crescimento individual, intelectual e social de cada indivíduo, além do desenvolvimento crítico e criativo. É por isso que nós, enquanto educadores, devemos estar conscientes do papel que a leitura exerce na vida de cada aluno, segundo Ziraldo (1988, p. 27): “... a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante quanto respirar”. No entanto, a nossa realidade é outra, é comum encontrar brasileiros que não têm o hábito de ler ou até mesmo que não gostam de ler. E, diante dessa triste realidade, os professores devem buscar caminhos e possibilidades para mudar esse atual cenário.

Neste sentido, o presente estudo justifica-se pelo simples fato de mostrar que, por meio da literatura e da contação de histórias, mesmo em um mundo repleto de tecnologias digitais, é possível instigar o gosto pela leitura, motivar o prazer em ler. A literatura pode propiciar conexões significativas entre o real e o imaginário. A contação de histórias, presente em nossa cultura desde muito tempo, está intimamente ligada ao desenvolvimento de nossa imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de expressar nossas emoções e sentimentos, levando-nos à descoberta do “eu” em relação ao mundo.

Na era da cibercultura (LÉVY, 1999), em que a interatividade ganha destaque, novas competências são requeridas, devido à superabundância de informações e à mobilidade do ciberespaço, o qual funciona como uma imensa rede de conexões, promovendo a ampliação da inteligência coletiva, conforme postula Lévy (1999). A cibercultura (LÉVY, 1999) inaugura novas formas de acesso à informação e propicia novas estratégias de interação/comunicação. Nesse contexto, a Internet constitui-se

uma poderosa ferramenta de comunicação que pode apoiar a formação de leitores, portanto, deve ser encarada como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem.

Tendo em vista as potencialidades das inovações tecnológicas da cibercultura, nossa proposta é aliar a contação de histórias às tecnologias, como *podcasts* e *audiobooks*, no sentido de buscar estratégias para motivar a formação de leitores críticos em tempos de mídias digitais. Nesse sentido, pretendemos investigar e promover reflexões sobre como esses suportes tecnológicos podem ser usados em sala de aula de um modo que contribuam para a promoção da literatura infantojuvenil entre os jovens e para a formação de leitores críticos, disseminando e privilegiando essa antiga tradição oral de contar histórias, adequando-a ao atual contexto sociotecnológico.

2. Pressupostos teóricos

2.1. A importância da contação de histórias em tempos de mídias digitais

Seguindo a perspectiva interativa, a leitura envolve utilizar, com eficácia, as habilidades de decodificação, tendo em vista objetivos, ideias e conhecimentos prévios; considerando processos de previsão e inferência contínuos, baseados nas informações encontradas no texto e na nossa própria experiência.

Diante disso, um dos grandes desafios enfrentados pelas escolas e pelos profissionais de educação é o de fazer com que os alunos aprendam a ler adequadamente. Algo que é imprescindível, tendo em vista que, nas sociedades letradas, aqueles que não desenvolvem competências satisfatórias nas práticas de leitura certamente estão em desvantagem, quando comparamos com aqueles sujeitos com diversidades de experiências leitoras. Algo ainda mais grave é considerar a existência de “analfabetos funcionais”, pessoas que, apesar de terem frequentado a escola e tendo “aprendido” a ler e a escrever, não podem utilizar essas habilidades de forma autônoma nas suas relações sociais. Alguns fatores que contribuem para essa falta de formação são a diferença entre os valores de livros e a condição financeira dos alunos de escolas públicas, falta de bibliotecas ou salas de leituras, o convívio de crianças e adolescentes com adultos que não têm o hábito de ler, algumas vezes os

próprios professores, bem como o papel que a literatura está ocupando na sala de aula.

Para Coelho (2000) existem vantagens de o sujeito realizar leituras, em especial a leitura de textos literários, porque estas “estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro [...]”. (COELHO, 2000, p.16). A literatura nos permite realizar experiências, viver como outros, romper os limites do tempo e do espaço, incorporar o outro sem renunciarmos à nossa própria identidade. A literatura tem o poder de nos humanizar, é por isso que ela deve continuar existindo nos espaços escolares como uma alternativa de promover o letramento em todos os seus níveis de ensino.

Torna-se evidente que cabe à escola aprofundar a relação entre as pessoas e a linguagem, sobretudo a linguagem escrita. No entanto, a prática de letramento que, por muitas vezes, é utilizada nas escolas está descontextualizada das práticas sociais dos alunos, preocupando-se, na maioria das vezes, apenas com a alfabetização. O texto é usado como pretexto em sala de aula para a apropriação e domínio do código da língua escrita, decodificando-os em sons e vice-versa (TERZI, 1995). A literatura infantojuvenil aparece nos livros didáticos como forma de estudar o código e o sistema linguístico, perdendo seu caráter social, negligenciando o conhecimento que o aluno tem sobre a leitura, escrita e as histórias que ele já leu. Conforme Gadotti (1988, p. 17):

[...] o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letrados na fábrica como 'perigo', 'atenção', 'cuidado', para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente.

Partindo desse conceito, é fundamental que os professores de Língua Portuguesa estejam conscientes da importância da leitura para a vida individual, social e cultural dos educandos. É preciso trabalhar a leitura de forma diferente nas escolas, tornando-a um momento prazeroso, estimulando a motivação e a curiosidade dos alunos pelo que se lê. Uma grande aliada neste sentido é a Literatura, pois através dela o aluno sente, vive e descobre emoções e sentimentos que, às vezes, não podem ser

vivenciados na vida real. A literatura é o elo entre o real e o imaginário, as histórias possibilitam que os jovens organizem seus sentimentos pessoais, tendo em vista que as emoções vivenciadas por meio das leituras literárias podem auxiliar os leitores diante de questões experienciadas em situações da vida cotidiana.

A arte de contar histórias está presente em nossa cultura desde os tempos antigos. De acordo com Campbell (2005), essas práticas de contar e encenar as histórias de um povo serviam para sintonizar o sistema mental com o corporal, levando essas populações a viverem e sobreviverem, além de servirem para justificar e interpretar fenômenos naturais, num tempo em que ainda não existia a linguagem escrita. Além disso, o ato de ouvir e contar histórias têm outros significados, desenvolvem a imaginação, a capacidade de ouvir o outro e se expressar, a construção da identidade e dos cuidados afetivos.

Por muito tempo a arte de contar histórias era uma atividade doméstica, especialmente nas áreas rurais, que aos poucos foi perdendo seu espaço devido ao avanço da urbanização e do uso de novas tecnologias. Com o surgimento da imprensa, dos jornais e dos livros, que se tornaram grandes agentes culturais entre o povo, os contadores de histórias foram sendo esquecidos, contudo, muito do que foi narrado conseguiu passar de geração em geração e ainda permanece em cada cultura, como modalidade escrita.

Hoje em dia, o hábito de contar histórias tem se resumido à hora de dormir, com o tempo essa atividade foi dando lugar a outras, como ver televisão, jogar *games* ou usar o computador, as superficialidades das relações estão fazendo com que as experiências de compartilhar informações sejam esquecidas, e momentos de familiaridade e intimidade que as histórias possibilitam estão deixando de acontecer. Apesar disso, o fascínio que as histórias exercem sobre os homens não mudou, pois ao se contar uma história vai se criando um fio invisível entre o narrador e seu ouvinte.

No atual contexto, coube aos professores a responsabilidade de provocar a imaginação de seus alunos por meio da contação de histórias e, diante de uma sociedade tecnicista, contar e ouvir histórias são formas mais prazerosas e libertadoras de aprendizagens. O ato de contar histórias deve ser retomado nesse cenário dinâmico

em que vivemos e cabe à escola rever estratégias de valorização da contação de histórias em meio ao turbilhão digital da cibercultura. Segundo Prieto (1999, p. 41):

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória.

Contar histórias é um momento mágico, capaz de promover um encontro com a imaginação, a capacidade de criar imagens próprias, um convite para ouvir, uma ação coletiva, presencial e concreta, que utiliza todos os sentidos, toca o coração e enriquece a leitura de mundo, além de afetar profundamente todos os que estão envolvidos naquela ocasião de fantasia. Por isso, o contador de histórias precisa criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, nos quais a história e as personagens ganham vida e tanto o narrador quanto os seus ouvintes são transformados.

O ato de contar histórias faz parte do ser humano, então, o professor pode se apropriar dessa habilidade para transformar a contação de histórias em um importante recurso na formação de leitores críticos. Através da narração, o aluno ouvinte pode desenvolver o desejo de ouvir, ler e descobrir novas histórias, é aqui que o professor pode ser mais um mediador e apresentar o livro aos seus alunos. Acima de tudo, o trabalho com a contação de histórias na sala de aula alcança outros objetivos, pois as narrações divertem, educam, instruem, socializam, desenvolvem a inteligência e a sensibilidade.

No entanto, diante de toda modernidade da sociedade atual, os contadores de histórias precisam estar dispostos a enfrentar diferentes situações, nas quais será necessário adaptar-se às mudanças. Além das habilidades de adaptar-se a diferentes experiências e espaços, o novo contador precisa, sobretudo, escolher a *performance* adequada para cada situação, como fator constitutivo e crucial para a eficácia da transmissão do conto. Como propôs Sisto (2005): “como um colecionador, que conhece a fundo cada peça de sua coleção, o contador de histórias há de reconhecer cada parte da estrutura de uma história que ele conta”.

O contador que conta e encanta não pode abrir mão da qualidade literária dos textos escolhidos, precisa conhecer bem os textos selecionados e possuir repertório amplo de leituras prévias. Ao escolher a história o contador precisa levar em consideração alguns fatores, como: seu público alvo, onde será contada e o que será contado. Sisto (2005) sugere que o contador faça a leitura das entrelinhas, isso possibilitará um envolvimento maior com a escritura, ultrapassando a superfície do texto, fazendo uma leitura em profundidade, dessa forma, sua narração será mais produtiva e o despertará para sensibilidades e emoções.

Quando se aborda a *performance* do novo contador de histórias é necessário pensar na forma como o texto é transmitido a seus destinatários. Na contação de histórias, “o orador” utiliza a interpretação dramática e a entonação para marcar os tempos da narrativa e é, exatamente, na articulação das palavras que o texto vai ganhando corpo e voz, provocando e instigando os ouvintes. Todavia, com o crescimento das mídias tradicionais e da mídia digital, as formas de aprendizado foram se modificando e novas maneiras de se contar histórias foram criadas. Os recursos audiovisuais como aparelhos de TV, DVD, Internet ou programas de computador estão cada vez mais sendo utilizados por contadores de histórias para uma releitura de gêneros literários.

A contação de histórias no século XXI promove o encontro da narração oral tradicional e a tecnologia informatizada, trazendo a necessidade de novos suportes para concretizar essa que é uma das artes mais antigas, contar histórias. A linguagem do meio digital (como, por exemplo, hipertexto, imagens coloridas, músicas, vídeos) é um instrumento importante no atual contexto educacional, especialmente para a promoção do letramento. Nessa nova perspectiva, Weschenfelder (2003) ensina que:

Ler, escrever e contar histórias na era do terceiro polo do espírito humano - o polo informático-midiático - pressupõe que o binômio professor-escola adote posturas teórico-pragmáticas que valorizem a inteligência coletiva, a polifonia, a interdisciplinaridade e a intertextualidade, posto que os novos atores da comunicação, agora ligados aos neurônios digitais, já dividem o mesmo hipertexto numa situação inédita de interatividade e receptividade, onde todas as formas de vozes produzem o megatexto, produto de um empreendimento coletivo. (WESCHENFELDER, 2003, p. 37).

Assim, os mediadores de leitura devem organizar as atividades em prol da formação de leitores críticos levando em consideração os novos atores de comunicação, valorizando a inteligência, coletividade, a interdisciplinaridade e a intertextualidade. É importante promover a leitura e a escrita, unindo a ludicidade aos novos suportes tecnológicos.

A democratização da Internet influenciou o desenvolvimento das narrativas nas novas mídias e se apresenta como um vasto universo de possibilidades de se contar histórias, englobando ao mesmo tempo texto, imagem e vídeo. Por serem sistemas online programados para promover a interação entre vários usuários ao mesmo tempo, as mídias sociais são consideradas como uma forma essencial de comunicação, uma nova forma de interagir, compartilhar e descobrir informações. *Storytelling* é considerado uma grande evolução na arte de contar histórias em meio digital, de acordo com Frazel (2010), o digital *storytelling* é responsável por “trazer nova vida ao antigo ofício de contar histórias escritas e orais através de textos geradas por computador e conteúdo multimídia”. O termo inglês *storytelling* está relacionado com uma narrativa e significa a capacidade de contar histórias relevantes. Para Murray (2003), estamos atravessando uma fase de transição onde as antigas e as contemporâneas formas de contar histórias ainda estão se adaptando a milhões de possibilidades abertas pelo computador.

Podcasts são arquivos de áudio digital, contendo histórias narradas por uma ou mais pessoas, além de resenhas sobre livros ou autores. O foco principal dos *podcasts* é a voz do narrador, que deve ser envolvente, capaz de emocionar cativar seus ouvintes. O *podcast* se aproxima muito da antiga arte de contar e ouvir histórias, possibilitando ao ouvinte imergir na narrativa de forma mais profunda. É possível fazer o *download* dos arquivos ou ouvi-los nos mais diversos aplicativos. Também é possível criar os *podcasts*, um que pode ser um recurso a mais para aqueles professores que querem fazer suas próprias narrações.

Já o *audiobook*, como o próprio nome sugere, é um livro em que todo o seu conteúdo é narrado, é uma nova forma de contar histórias, um ótimo recurso para os professores utilizarem para contar histórias, é possível encontrar clássicos da literatura

infantojuvenil, como *O pequeno príncipe*, além de obras mais contemporâneas. Existem vários sites nos quais se tem acesso aos *audiobooks*.

Torna-se evidente que, apesar dos grandes avanços tecnológicos e dos mais diversos recursos disponíveis aos jovens, a narrativa oral presencial não perdeu sua importância, ainda serve de estímulo à leitura e à escrita por motivar a imaginação dos ouvintes, com a possibilidade atual de ter as histórias em diferentes suportes, unindo o lúdico ao tecnológico, por meio da fantasia, do poético e do simbólico, ainda suscitando encantos e construindo pontes entre livros e leitores.

3. Desenho metodológico

Este estudo configura-se, predominantemente, como pesquisa bibliográfica sobre os eixos temáticos literatura infantojuvenil e contação de histórias, tendo em vista as conexões com a formação de leitores críticos na educação básica.

A abordagem metodológica é de cunho qualitativo, com foco nas reflexões teóricas e metodológicas sobre o papel da literatura infantojuvenil na formação de leitores críticos, considerando a contação de histórias como estratégica no cenário da cultura digital.

Inicialmente, realizamos pesquisa bibliográfica com foco na leitura de livros, artigos, dissertações e teses, tendo como alvo o objeto de estudo. Notamos a escassez de trabalhos, principalmente quando nos debruçamos sobre o tema da contação de histórias, considerando as interfaces com a cultura digital. Nesse sentido, destacamos *podcasts* e *audiobooks* como ferramentas que podem apoiar os processos de contação de histórias, dinamizando-se o tratamento dado à literatura infantojuvenil em sala de aula.

Consideramos *podcasts* e *audiobooks* como sugestões de recursos para inovações nas metodologias direcionadas ao ensino de literatura na educação básica, com vistas à formação de leitores críticos.

4. Resultados e discussões

4.1. Conexões entre literatura infantojuvenil e contação de histórias: em busca de alternativas metodológicas para ensino de literatura

O presente trabalho investigou como a literatura infantojuvenil, através da contação de histórias, contribui para a formação de leitores críticos. Para isso, foi necessário, primeiro, levantar algumas dificuldades ainda encontradas para a formação de bons leitores. Foi constatado que, apesar de reconhecerem a importância de estimular o gosto pela leitura, o prazer em ler, e as inúmeras possibilidades de fazer isso através da contação de histórias, muitos professores não o fazem, especialmente nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, por diferentes motivos. Um desses motivos talvez seja por encararem a leitura, na escola, apenas como preparação do aluno para o futuro, na busca de melhores condições de vida.

Nessa perspectiva, a escola sempre associa a leitura à avaliação, na busca constante por estratégias para ajudar o aluno a aprender a ler e a escrever, por meio de provas, testes, atividades de interpretação e etc., as escolas e professores de Língua Portuguesa abrem mão de utilizar a contação de histórias como uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Além disso, se o próprio professor não for consciente da importância da narrativa como fonte de prazer e troca de experiências na sala de aula, e se o professor não encontra prazer em narrar histórias, ele não pode constituir-se narrador, já que narrar é trocar experiências.

Outro fator que impede o uso de contação de histórias, por muitas vezes, é a condição institucional que não favorece um trabalho diferenciado com a leitura, visto que as escolas têm dificuldades em trabalhar com aquilo que não se pode avaliar. E quando contamos ou ouvimos histórias dificilmente podemos produzir notas ou conceitos, o mesmo acontece com o uso da literatura, que quando se transforma num processo de avaliação, perde ser poder de dar prazer. O que se tem percebido é que a literatura não está sendo trabalhada de forma adequada e a contação de histórias é uma ótima estratégia para que os alunos tenha uma boa experiência com a leitura, não apenas como uma tarefa rotineira, cumprindo um papel avaliativo, mas como atividade capaz de estimular o verdadeiro prazer pela leitura, pois segundo Villard

(1997), para formar grandes leitores, leitores críticos, é preciso ensinar a gostar de ler, e isso pode ser bem mais fácil do que parece.

Seguindo esse pensamento, foi possível determinar a relação entre a contação de histórias e o letramento literário, ou seja, como usar este recurso pode ser útil para a formação de bons leitores. É por meio da leitura que podemos compreender melhor o mundo e nos posicionarmos de forma crítica e autônoma sobre ele, sendo assim, ler é uma condição essencial para o desenvolvimento intelectual e social do cidadão.

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de buscar novos caminhos que contribuam para a formação de leitores críticos e a contação de histórias surge como uma metodologia que oportuniza a troca de experiências, pois faz com que os sujeitos participantes se sintam como parte integrante da história, além de permitir que professor e aluno compartilhem experiências entre si. O professor pode aproveitar essas ocasiões para ensinar estratégias de leitura para seus alunos, que os ajudem a compreender diferentes tipos de textos, bem como os auxiliem a ampliar a visão de mundo, é importante que essas estratégias despertem no aluno o interesse pela formação leitora competente.

Além disso, por meio da contação de histórias o professor pode apresentar aos alunos textos clássicos da literatura infantojuvenil e da tradição oral, além de aproximar o contato deles com os livros de literatura, expandindo o universo cultural e imaginário dos educandos. Por meio da contação de histórias é possível intrigar, fazer pensar, instigar, fazer rir, encantar. Contar histórias abre um caminho infinito de possibilidades e descobertas, capaz de seduzir o ouvinte e fazê-lo apaixonar-se pela história, pela leitura.

Também foi possível descobrir como as novas tecnologias podem ser aliadas à atividade de contar histórias na formação de bons leitores. Como todas as outras propostas pedagógicas, as atividades com texto e leitura precisam se adaptar ao contexto social dos alunos. Com isso, novas formas de contar histórias foram surgindo no ciberespaço e podem, e devem, ser incorporadas ao trabalho em sala de aula, de um modo que o que se é ensinado nas escolas esteja cada vez mais próximo da realidade dos alunos. Dessa forma, o trabalho buscou analisar duas das mais diversas

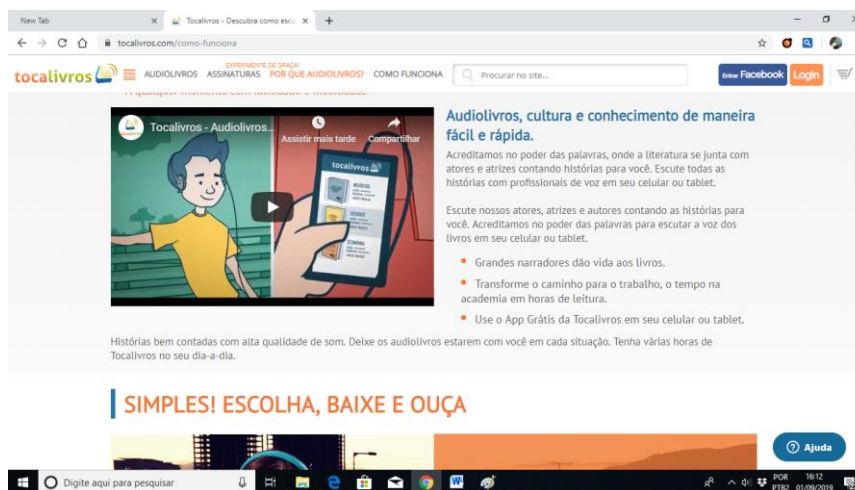
digital storytellings construídas nas mídias digitais, os *Podcasts* e os *Audiobooks*, e como elas servem de suporte para a contação de histórias.

A seguir iremos ilustrar as reflexões por meio de breve estudo descritivo de exemplo representativo de site de audiobooks, como ferramenta que pode apoiar os professores para dinamizar as atividades direcionadas à contação de histórias em sala de aula, com foco na literatura infantojuvenil.

4.2. Audiobooks

O site *tocalivros*, disponível em: <<https://www.tocalivros.com/>> apresenta um vasto repertório de obras literárias e não literárias diversas para diferentes públicos, as quais podem ser acessadas pelos internautas. Algumas obras podem ser acessadas gratuitamente e outras precisam ter cadastro, assinatura e pagamento realizado para que o usuário tenha acesso. As histórias podem ser acessadas por meio de computadores, *tablets* ou celulares, com a participação de profissionais de voz que atuam nas narrações das obras disponíveis.

Figura 1: Interface da seção como funciona- site toca livros

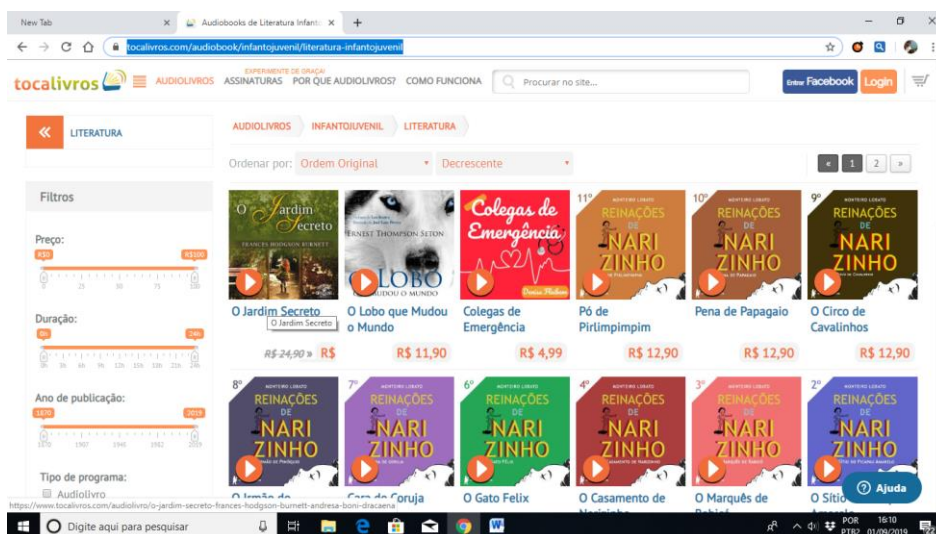


Fonte: <https://www.tocalivros.com/como-funciona>
Acesso em: 10/10/2018

O site é organizado por categorias de audiolivros, tais como: Ciência e Conhecimento; Fantasia e Ficção Científica; Infantojuvenil; Mistérios e terror; Biografias e Memórias; Comédia e Humor; Drama; História; Literatura e outras.

A seguir apresentamos a interface com exemplos ilustrativos de obras de literatura infantojuvenil disponíveis no site “toca livros”.

Figura 2: Interface da seção literatura infantojuvenil- site toca livros



Fonte: <https://www.tocalivros.com/audiobook/infantojuvenil/literatura-infantojuvenil>

Acesso em: 10/10/2018.

A seção de Literatura infantojuvenil revela algumas subcategorias, com base em temas e na classificação por faixa etária, como: Abaixo de 11 anos; Amizade; Família e Relacionamentos; Fantasia; Idades 11-13; Idades 13 e acima; Literatura; Mitologias e Lendas. Várias obras de Monteiro Lobato estão disponíveis, mas precisam de cadastro e assinatura dos leitores para acesso.

Cada obra apresenta uma ficha detalhada com dados sobre autor, título, editora, dados dos narradores, tempo de duração do áudio, e outras informações, com resumo completo, ouvir trailer, entre outros detalhes.

Figura 3: Interface dados da obra literária- site toca livros



Fonte: <https://www.tocalivros.com/audiolivre/o-marques-de-rabico-monteiro-lobato-paola-molinari-clayton-heringer-j> Acesso em: 10/10/2018.

Com este trabalho chegamos a alguns resultados importantes, fica claro que ainda há muito o que se fazer com o objetivo de formarmos bons leitores, leitores críticos, capazes de serem atuantes na sociedade de forma autônoma. Certamente, é uma responsabilidade da escola e dos profissionais de educação, em especial os professores de Língua Portuguesa, buscar formas alternativas de promover práticas significativas e leituras e letramentos literários.

Como vimos até aqui, a arte de contar histórias não está ultrapassada, ao contrário, ainda é um ótimo recurso para aproximar os alunos da literatura, sobretudo, da literatura infantojuvenil, pois possibilita a fuga da realidade através do encontro com o mundo imaginário da ficção e, ao mesmo tempo, permite a melhor compreensão da realidade que o cerca, além de promover o contato com as mais variadas sensações e o compartilhamento de experiências.

Também percebemos que o avanço das tecnologias não impede o uso da literatura por meio da contação de histórias e que esta atividade não deve ser comum apenas nos anos iniciais da educação básica. Com o surgimento do *digital storytelling* é possível utilizar os mais variados suportes midiáticos aliados às atividades de contação de histórias. Os *podcasts* e *audiobooks*, cada vez mais desenvolvidos, possibilitam novas formas de contar e ouvir histórias, mas nos remetem aos modos mais antigos. E, além de promoverem o contato com diferentes textos literários, aproximam os jovens dos livros, instigando o apreço, a curiosidade e o prazer pela leitura.

5. Considerações Finais

Ao propormos algumas reflexões sobre como a literatura infantojuvenil através da contação de histórias pode contribuir para a formação de leitores críticos, atrelada à era digital, acreditamos que esse seja um poderoso recurso da aprendizagem, que serve de estímulo para o gosto pela leitura e que aproxima narradores de ouvintes por meio de experiências lúdicas com a narrativa oral, seja ela presencial ou não.

É evidente que, mesmo nessa era digital, por mais avanços tecnológicos e recursos digitais que existam, o recurso artístico da narração permanecerá firme entre

nós e terá na voz o seu principal instrumento de comunicação. No entanto, é por causa dos mais avançados recursos tecnológicos que os contadores de histórias, hoje, podem abrir um leque de novas formas de se ouvir e contar histórias, com o objetivo de aproximar os jovens do maravilhoso mundo das letras, incentivando o gosto pela leitura e pela escrita através da imaginação.

Ainda há muito o que se estudar ou pesquisar sobre o assunto, até porque é bem provável que os *podcasts* ou os *audiobooks* sofram atualizações com o passar do tempo, e é bem provável que novas ferramentas surjam, por isso é de extrema importância que o professor se mantenha atualizado e consciente de suas práticas pedagógicas, de modo a tornar a aprendizagem mais prazerosa e significativa. Mas uma coisa é certa, a literatura está aí, cada vez mais disponível, nos mais variados suportes, apenas à espera de um cibercontador para torná-las vivas na mente e no coração de todos os que participam dessa ocasião mágica, unindo o lúdico à tecnologia, suscitando encantos, criando pontes entre pessoas e literatura e, acima de tudo, sendo capaz de formar bons leitores.

Referências

ALVES, R. *Storytelling e mídias digitais: uma análise da contação de histórias na era digital*. **Hipertexto**. Volume 2, nº 1 - Janeiro/Junho 2012.

CAMPBELL, J. *Os primeiros contadores de histórias*. **História & Antropologia**, 2005.

Disponível em:

<<http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/osPrimeirosContadoresHist.pdf>. > Acesso em: 05/03/2019.

COENTRO, V. **A arte de contar histórias e letramento literário: possíveis caminhos**. Campinas, SP, 2008.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria análise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FRAZEL, M. **Digital storytelling: guide for educators**. Washington D.C.: ISTE, 2010.

GILS, F. **Potential applications of digital storytelling in education**. [s.d.] Disponível em http://wwwhome.ctit.utwente.nl/~theune/VS/Frank_van_Gils.pdf. > Acesso em: 05 mar. 2019.

GADOTTI, M. **O que é ler? Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999

LIMA, I.; DINIZ, M. *Da contação de histórias à formação do leitor: por uma pedagogia do letramento literário*. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**. Nilópolis, v.4, Número 4, setembro-dezembro, 2013.

MAINARDES, R. **A arte de contar histórias: uma estratégia para a formação de leitores**. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf>. > Acesso em: 05 mar. 2019.

MURRAY, J. H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: UNESP, 2003.

PRIETO, H. **Quer ouvir uma história: lendas e mitos no mundo da criança**. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI.

RAMOS, A. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** – Londrina, 2011.

SANTO, V. **A contação de histórias e a cibercultura como instrumentos linguísticos de incentivo à leitura**. ALED, Brasil, Julho 2016.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SCHERMACK, K. **A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento**. UPF. Disponível em: <ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/.../keilaschermack.pdf. > Acesso em: 05 mar. 2019.

TERZI, S. B. *A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados*. In: KLEIMAN, A. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

WESCHENFELDER, E. *Leitura em tempos de cibercultura*. In: _____. **Práticas leitoras para uma cibercivilização: vivências interdisciplinares e multimídiais de leitura**. Passo Fundo: UPF, 2009.